

LEVANTAMENTO DOS NOMES CIENTÍFICOS E POPULARES DE SERES VIVOS NA EDIÇÃO DEFINITIVA DA *ORIGEM DAS ESPÉCIES* E ANÁLISE PRELIMINAR DAS RESPECTIVAS TRADUÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA.

Pedro de Lima Navarro (PIBIC/FA/UEM), Cristina de Amorim Machado (Orientadora), e-mail: pedro.navarro97@hotmail.com; cristina_machado@yahoo.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas/ Maringá, PR.

Área: História;

Subárea: História das ciências.

Palavras-chave: Tradução científica, Nomenclatura científica, Origem das Espécies.

Resumo

Neste trabalho visamos uma pesquisa interdisciplinar entre os estudos da tradução (mais especificamente sobre a tradução científica), a história das ciências e a nomenclatura científica, que trataremos aqui à luz dos *science studies*. A partir da análise das primeiras seis seções de três traduções da sexta edição da *Origem das espécies*, de Charles Darwin, assinadas por Joaquim Dá Mesquita Paul (1913), Ana Afonso (2009) e Carlos e Anna Duarte (2014), sendo as duas primeiras portuguesas e a última brasileira, buscamos entender as estratégias utilizadas por tradutores leigos para questões terminológicas próprias à nomenclatura científica. Identificamos 264 termos de interesse, entre nomes populares, científicos, nomes de grupos e alguns termos pecuários que foram traduzidos de diversas formas entre os textos. Destacamos aqui os erros de tradução, problemas de equivalência entre termos, polissemias, aportuguesamentos, omissões, entre outros. Todos os pontos são influenciados pelas enormes distâncias sociais, temporais e geográficas entre o texto original e suas traduções.

Introdução

A tradução científica é um campo relativamente periférico dos estudos da tradução, embora tenha recebido cada vez mais atenção com o passar do tempo (MACHADO; MARTINS, 2019). Dentro dos vastos campos considerados científicos, estamos interessados em estudar as estratégias de tradutores leigos para lidar com a nomenclatura científica e popular de diversos organismos. Outro assunto raramente explorado.

Na direção oposta, estudos de traduções da *Origem das espécies* de Charles Darwin, publicada originalmente em 1859, são abundantes, embora este não seja o caso da língua portuguesa. Poucas traduções para o português foram estudadas, e, mesmo assim, a grande maioria dos trabalhos acadêmicos lida com traduções portuguesas, de modo que traduções brasileiras ainda são pouco conhecidas.

Para este trabalho, escolhemos três traduções da *Origem*: 1) tradução portuguesa de Joaquim dá Mesquita Paul (DARWIN, 1913); 2) tradução portuguesa de Ana Afonso (DARWIN, 2009); e 3) tradução brasileira de Carlos Duarte e Anna Duarte (DARWIN, 2014) – referidas daqui em diante como JMP, AAF e CAD, respectivamente. Escolhemos essas traduções porque todas usam como base o texto da sexta edição da *Origem*, de 1872, reimpressa com poucas revisões quatro anos depois (DARWIN, 1876). Nessa escolha consideramos também a importância histórica do pioneirismo e influência em futuras traduções de JMP; a disponibilidade online de AAF para o público especializado e leigo; e a facilidade de aquisição e disponibilidade para o público brasileiro geral de CAD.

Desta forma, esse estudo contribui para os estudos da tradução, mais especificamente para o subcampo da tradução científica, ao analisar as divergências e convergências tradutórias; e para a história das ciências, notadamente a história da biologia e os estudos relacionados à recepção do darwinismo, ao se somar a um corpo literário relativamente escasso sobre traduções lusófonas.

Além disso, ao assumirmos o papel da tradução no processo de disseminação de ideias científicas, nos aproximamos de concepções próprias aos *science studies*, que rejeitam um ideal de pureza ou imparcialidade na ciência, o que também se estenderia à tradução. Se a tradução se coloca como um intermediário entre o leitor e o comunicador, ela se soma a uma rede de conexões e influências sociais que permeiam a afirmação de um cientista (ou naturalista, para sermos mais precisos).

Materiais e métodos

Primeiramente, é preciso informar que, devido à limitação de tempo, a análise foi conduzida apenas para as primeiras seis seções do livro, isto é, Introdução, Esboço Histórico e Capítulos I ao IV. Entretanto, acreditamos que essa amostra é o suficiente para adquirirmos uma boa noção do comportamento de cada tradutor.

Inicialmente foi necessário identificar todos as menções de Darwin a organismos, seja pelo seu nome científico ou popular, no texto original da *Origem*. Incluímos também termos agropecuários, como “cattle” ou “poultry”, além de termos para grupos de organismos, como “Vertebrata” ou “quadrupeds”. Contudo, deixamos de fora termos muito genéricos, tais como “fish” ou “insect”, por serem traduzidos de maneira homogênea.

Em seguida, através de uma comparação com os textos lusófonos, identificamos as traduções dos termos de interesse. Esse processo forneceu os dados brutos para as análises, com a identificação de padrões no comportamento de cada tradutor e de padrões de tradução entre os diferentes termos. Batizamos esses resultados de “casos de tradução”, isto é, instâncias de comparação entre diversos termos na língua-alvo (português) entre si ou em relação à língua-fonte (inglês).

Finalmente, identificamos e descrevemos esses padrões, e fizemos o levantamento técnico necessário para reparar eventuais erros. Além disso, com base em nossa

fundamentação teórica tanto nos *science studies* quanto nos estudos da tradução (MACHADO; MARTINS, 2019), produzimos hipóteses para justificar as escolhas dos tradutores, assim como analisamos seus efeitos para o leitor do produto final destas escolhas.

Resultados e Discussão

Nos 311 casos de tradução identificados encontramos 264 termos de interesse. Os comportamentos, estratégias e escolhas dos tradutores que se evidenciaram nesta análise serão explicados abaixo.

Primeiramente, devemos identificar os erros mais grosseiros. Alguns exemplos flagrantes são: o erro de digitação em CAD (p. 20) ao traduzir “Amaryllidaceae” por “Amaryllisaceae”; uma aparente falta de vocabulário em JMP que traduz “nectarines” por “pêssegos vermelhos” (p. 11), embora o equivalente direto “nectarina” já fosse registrado em 1913; um outro erro de JMP denuncia sua fonte francesa, ele traduz “duck” por “canário” (p. 11), semelhante ao falso amigo francês “canard”, e mais à frente traduz “goose”, equivalente a “ganso”, por “pato” (p. 16).

Além destes erros no corpo do texto, encontramos muitos outros nas notas de rodapé ou explicações entre parênteses feitas pelos tradutores. Por exemplo, CAD (p. 74) adiciona uma nota ao termo “Coccus” na qual se lê “bactéria de forma esférica”, que destoa completamente do contexto estabelecido por Darwin (1876, p. 34-35), que se refere a um gênero de besouro e não às bactérias do tipo cocos.

Também verificamos se os tradutores seguem as normas relativamente complexas relacionadas à nomenclatura científica e as convenções utilizadas para a grafia de nomes populares. Concluímos que apenas AAF segue as regras de hifenização para os nomes populares com maior regularidade, isto é, grafar, por exemplo, “trevo-encarnado” em vez de “trevo encarnado”.

É preciso lembrar que as regras de grafia de nomes científicos ainda não estavam completamente estabelecidas no século XIX, de modo que os nomes científicos grafados por Darwin não são destacados. Todos os tradutores tomam o cuidado de destacar os nomes do texto, embora alguns erros apareçam, como deixar o epíteto genérico em letras maiúsculas ou destacar termos que não devem ser destacados, como ordens ou famílias.

Uma das questões mais interessantes encontradas foi a equivalência entre termos. É preciso enfatizar que entre os quatro textos analisados, há uma distância temporal, cultural e geográfica enorme, de modo que existem algumas dissonâncias entre os termos de interesse. Por exemplo, o caso dos cardos, cujo equivalente em inglês é “thistle”. Este termo é um grande potencial causador de problemas de equivalência terminológica, uma vez que é designado para diversos gêneros de plantas. Darwin refere-se a três plantas que poderiam ser consideradas cardos: “fuller’s teasel”, “cardo” e “tall thistle”. Todos os tradutores concordam que o primeiro deveria ser traduzido como “cardo-penteador”, embora CAD adicione “ou de

Fuller” entre parênteses, e apenas AAF utilize a grafia hifenada correta. “Cardoon” é traduzido de três formas (“cardo”; “cardo-do-coalho”; e “alcachofra brava”) registradas no português, enquanto as traduções do último termo são muito parecidas (“grande cardo”; “cardo-alto”; e “cardo alto”), embora não haja uma forma registrada no idioma para ser considerada oficial.

Há outros pontos de interesse que analisamos, mas que não temos espaço para detalhar aqui. Por exemplo: 1) termos polissêmicos; 2) termos omitidos às vezes de maneira justificada, às vezes não; 3) termos aportuguesados; e 4) notas explicativas (principalmente em CAD).

Conclusões

A partir desse trabalho podemos identificar diversas estratégias utilizadas por tradutores lusitanos e brasileiros da *Origem das espécies*, com foco na nomenclatura científica e popular de diversos organismos.

Com a identificação dessas estratégias esperamos aprofundar um campo notoriamente ignorado pela história das ciências, a tradução científica, que possui um papel fundamental na transmissão de ideias e na recepção delas por uma sociedade que fala uma língua distinta do autor original.

Agradecimentos

Os autores agradecem à Fundação Araucária pela bolsa concedida.

Referências

DARWIN, C. **A origem das espécies**: A origem das espécies por meio da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela vida. 6ª. ed. Tradução por Anna Duarte e Carlos Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2014.

_____. **A origem das espécies**. 6ª. ed. Tradução por Ana Afonso. Leça de Palmeira: Planeta Vivo, 2009.

_____. **Origem das espécies**. 6ª. ed. Tradução por Joaquim Dá Mesquita Paul. Porto: Lello & Irmão, 1913.

_____. **The origin of species by means of natural selection, or the preservation of favoured races in the struggle for life**. 6ª. ed. Londres: John Murray, 1876. Disponível em: darwin-online.org.uk/content/frameset?viewtype=image&itemID=F401&pageseq=1. Acesso em: 13 jul. 2019.

MACHADO, C. A.; MARTINS, M. (Orgs.). Tradução científica. **Tradução em Revista**, 26, 2019.1.